

# GRAMÁTICA & PONTUAÇÃO

Guia Prático para  
Escrever Melhor

**MARCO NEVES**

*Dedicado à Zélia, ao Simão e ao Matias.*

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> . . . . .	<b>15</b>
Gramática numa <i>Harley-Davidson</i> . . . . .	16
As regras gramaticais nascem nos livros? . . . . .	21
Que disciplinas estudam a língua? . . . . .	27
O que é a gramática? . . . . .	29
O que é a norma do português? . . . . .	31
<b>1. A gramática essencial: palavras e frases</b> . . . . .	<b>37</b>
O armazém das palavras . . . . .	39
Peças para construir palavras . . . . .	39
Armazéns de porta aberta . . . . .	46
Os parafusos da gramática . . . . .	83
A máquina das frases . . . . .	102
O molde da frase . . . . .	102
Como fazer perguntas (e não só)? . . . . .	115
Como criar frases infinitas . . . . .	119
A língua na oficina . . . . .	122
Ler a frase em voz alta . . . . .	123
Pensar na divisão entre frases e na sua estrutura interna . . . . .	125
Ter cuidado com as repetições . . . . .	127
Como escrever frases inesquecíveis? . . . . .	130

<b>2. Pontuação e outros sinais . . . . .</b>	<b>135</b>
A origem da pontuação. . . . .	137
Para que serve a pontuação? . . . . .	140
Espaços entre palavras. . . . .	143
Pontuação do texto. . . . .	147
Espaço em branco. . . . .	147
Títulos . . . . .	148
Listas . . . . .	149
Parágrafo. . . . .	152
Asteriscos, obeliscos e outras viagens. . . . .	154
Citações e referências . . . . .	154
Diálogo. . . . .	158
Pontuação da frase . . . . .	165
Ponto . . . . .	165
Ponto de exclamação. . . . .	169
Ponto de interrogação . . . . .	171
Reticências . . . . .	172
Dois pontos. . . . .	175
Vírgula . . . . .	179
Ponto e vírgula. . . . .	195
Travessão. . . . .	197
Parênteses . . . . .	201
Aspas . . . . .	203
Formas de destaque. . . . .	205
Pontuação da palavra . . . . .	208
Apóstrofo . . . . .	208
Hífen . . . . .	208
Siglas, abreviaturas e acrónimos . . . . .	212
Maiúsculas e minúsculas . . . . .	214
Números . . . . .	220

Outros sinais . . . . .	221
Acentos e sinais diacríticos . . . . .	223
Acentos gráficos . . . . .	223
Sinais diacríticos: til e cedilha. . . . .	228
Pontuações... . . . . .	228
Lista de verificação. . . . .	231
<b>3. Dúvidas e Armadilhas . . . . .</b>	<b>233</b>
«À» ou «á»? . . . . .	235
«Açoriano» ou «açoreano»? . . . . .	236
«Alugar» ou «arrendar»? . . . . .	237
«Apóstrofo» ou «apóstrofe»? . . . . .	238
«Às» ou «ás»? . . . . .	238
«As milhares de horas» ou «Os milhares de horas»? . . . . .	238
«À-vontade» ou «à vontade»? . . . . .	239
«Bênção» ou «benção»? . . . . .	239
«Bilião» ou «mil milhões»? . . . . .	239
«Blogue» ou «blog»? . . . . .	242
«Cabo-verdiano» ou «cabo-verdeano»? . . . . .	243
«Com certeza» ou «concerzeza»? . . . . .	243
«Contacto» ou «contato»? . . . . .	243
«Cozer» ou «coser»? . . . . .	244
«Despercebido» ou «desapercebido»? . . . . .	244
«Despoletar» ou «espoletar»? . . . . .	244
«Do» ou «de o»? . . . . .	245
«Em França» ou «na França»? . . . . .	246
«Enquanto que» ou «enquanto»? . . . . .	248
«Facto» ou «fato» . . . . .	248
«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»? . . . . .	248
«Haver»: agruras de um verbo . . . . .	249

«Interveio» ou «interviu»? . . . . .	251
«Malfeito» ou «mal-feito»? . . . . .	252
«Manda-mos» ou «mandamos»? . . . . .	253
«Não há nada» ou «há nada»? . . . . .	253
«O comer» ou «a comida»? . . . . .	254
«O que» ou «que»? . . . . .	254
«Oficial» ou «oficioso»? . . . . .	254
«Órgão» ou «orgão»? . . . . .	254
«Ouro» ou «oiro»? . . . . .	255
«Outrem» ou «outrém»? . . . . .	255
Plurais dos nomes compostos . . . . .	255
«Porque» ou «por que» . . . . .	256
«Precariedade» ou «precaridade»? . . . . .	257
«Puder» ou «poder»? . . . . .	257
«Rubrica» ou «rúbrica» . . . . .	257
«Separa-se» ou «separasse»? . . . . .	257
«Soalheiro» ou «solarengo»? . . . . .	258
«Ter pago» ou «ter pagado» . . . . .	258
«Trás» ou «traz»? . . . . .	259
«Um dos que falaram» ou «um dos que falou»? . . . . .	260
«Vêm» ou «vêem»? . . . . .	260
«Viria» ou «vinha»? . . . . .	260
«Voo» ou «vôo»? . . . . .	261
<b>4. Como criar um texto . . . . .</b>	<b>263</b>
<b>Escrever (em cinco passos) . . . . .</b>	<b>265</b>
Investigar . . . . .	265
Planejar . . . . .	266
Escrever . . . . .	267

Coesão e coerência . . . . .	270
Reescrever . . . . .	270
Arriscar . . . . .	272
<b>Bibliografia e sugestões . . . . .</b>	<b>277</b>

# INTRODUÇÃO

**E**ste livro junta dois livros anteriores, com revisões: a *Gramática para Todos – O Português na Ponta da Língua* e *Pontuação em Português – Guia Prático para Escrever Melhor*. A junção tem esta vantagem: ficamos assim com um livro único e prático, ideal para consultar quando está a escrever. Como explico a seguir, o meu objectivo ao escrever esta gramática não foi descrever exaustivamente a língua (para isso há outras gramáticas), mas mostrar os aspectos essenciais para quem quer escrever melhor – ora, para isso, saber pontuar é importantíssimo. Esta nova edição tem quatro partes:

- I. A gramática essencial: palavras e frases
- II. Pontuação e outros sinais
- III. Dúvidas e armadilhas
- IV. Como criar um texto

É um livro de consulta, como é da natureza deste tipo de obras, mas é também um livro suficientemente breve para ser lido de fio a

pavio – recordamos assim o essencial do corpo da nossa língua (a gramática) e da roupa com que se veste na escrita (a pontuação).

## Gramática numa *Harley-Davidson*

A primeira vez que senti verdadeiro prazer em conduzir foi numa das últimas aulas práticas. O instrutor pediu-me para levá-lo a uma loja da *Harley-Davidson* e para esperar no carro.

Quando voltou, com os cabedais no saco, sentou-se e disse-me apenas:

– Vá, vamos embora para a escola.

Não me disse para pôr a primeira, não me pediu para olhar pelo espelho, não me deu, aliás, nenhuma instrução. Apenas um pedido, um objectivo – eu já sabia como fazer tudo o resto.

E foi assim que, usando o que tinha aprendido nas aulas, olhei pelo espelho, pus a primeira, carreguei no pedal – e lá me subiu pelo corpo o prazer em sentir o carro a acelerar pela estrada sob o meu comando. Hoje, muitos anos depois, conduzo de forma que me parece natural. Os gestos estão mais do que aprendidos.

Escrever é como conduzir: aprendemos as regras e os gestos de forma consciente, nos primeiros anos de escola, mas, a certa altura, já nem notamos que regras e gestos são esses: simplesmente avançamos para o nosso destino. Tal não significa que não haja acidentes pelo caminho – e não há como negar que há condutores melhores do que outros e que há condutores com uma condução mais confortável, enquanto outros nos deixam com o coração aos saltos (o que pode ser muito bom ou muito mau).

A comparação que fiz acima é perigosa: escrever é como conduzir, de facto, no sentido em que aprendemos as regras da

ortografia na escola. Mas, no entanto, as regras gramaticais, aquelas que nos permitem criar frases – essas não são aprendidas na escola, pelo menos na sua maioria.

Aprender a gramática é bem mais parecido com aprender a andar. Aprendemos a andar através da imitação, da tentativa e erro e, sim, do incentivo dos pais e demais família. Ninguém nos ensinou de forma consciente, no sentido de nos dar instruções e explicações de como funciona o corpo.

Começamos a andar. Fazemo-lo um pouco a medo, no início, mas logo ganhamos confiança. Há uma série de mecanismos cerebrais e motores envolvidos no processo, mas não pensamos neles – nem sequer os conseguimos descrever.

Aprender a falar é um pouco como aprender a andar. Também vamos lá através da imitação, da tentativa e erro e do incentivo dos outros. Neste caso, as quedas são as reacções de quem fala connosco – mas, curiosamente, aprendemos as regras da língua (na oralidade), mesmo que ninguém nos corrija. Ao fim de alguns anos de treino, o cérebro já reconstruiu, em cada falante, um sistema de regras (e excepções) e aprendeu um conjunto (maior a cada dia) de palavras – regras e palavras que nos permitem falar (às vezes connosco próprios).

Este livro é sobre essas regras e como elas se unem às palavras que aprendemos para nos permitir falar e escrever. A esse conjunto de regras chamamos gramática. E, sim, a gramática que descrevo neste livrinho já estará no cérebro de quem o lê. (E, não, a gramática não é um conjunto de regras avultas e, por vezes, arbitrárias do tipo «não se começa uma frase por E».)

Dou um exemplo concreto: ninguém que fale português terá dificuldades em perceber que o futuro do indicativo que usei no parágrafo anterior («estará») não remete para o futuro – remete para

uma grande probabilidade, sem certezas... Usei-o porque pode dar-se o caso de o livro ir parar às mãos de quem está a aprender a nossa língua *agora* – e, por isso, não sabe português. Ora, este uso do futuro está registado nas gramáticas, mas não é necessário lê-las – e muito menos decorá-las – para o conhecer. Faz parte das regras que os falantes da língua levam na cabeça. Os falantes não saberão apenas interpretar este uso do verbo – saberão também que é um uso relativamente formal, comum na escrita, menos comum na oralidade...

Na verdade, o leitor sabe isto tudo, mas talvez não saiba que sabe. O fosso entre o que sabemos fazer com o português e o que sabemos descrever sobre a língua é enorme. Os linguistas – cientistas que se ocupam da pesquisa e descrição das línguas – andam, às centenas, a garimpar nesta mina, e ainda há muito por descobrir.

### **Os sabores do verbo saber**

Um bom exemplo da maneira como sabemos mais do que pensamos é o verbo «saber», tantas vezes repetido por estes parágrafos... Já reparou que a primeira pessoa do singular do presente do indicativo muda conforme o sentido do verbo?

- (1) Eu **sei** falar português.
- (2) Quando me beijas, eu **saibo** a quê?

É verdade que raramente usamos a forma «saibo». Diremos «Qual é o meu sabor?» – ou algo assim. Mas todos sabemos bem que «Eu *sei* a morango.» não se diz...

Os falantes conhecem a gramática mesmo quando não conhecem os nomes técnicos. Há um tempo verbal em português para

expressar aquilo que acontece de forma repetida nos últimos tempos. É o pretérito perfeito composto do indicativo – mas mesmo quem nunca tenha ouvido este nome saberá interpretar a seguinte frase:

**Tenho visto** muitas pessoas a olhar para a montra e a entrar.

Também podemos expressar que havia qualquer coisa que costumávamos fazer no passado – e para isso basta mudar a forma ao verbo e deixá-lo no imperfeito do indicativo. Ora, mesmo que nunca tenhamos reparado nesse uso do tempo verbal, saberemos interpretá-lo.

Eu **ia** muito ao cinema, mas depois nasceram os meus filhos.

Talvez saiba isto ou talvez não – mas saberá certamente usar estes tempos verbais!

Todos temos uma gramática inteira na cabeça. Nem sempre a usamos de forma desenvolta, às vezes enganamo-nos, há diferenças entre as gramáticas dentro de duas cabeças diferentes – mas todos temos uma gramática na cabeça. Mesmo quem não sabe escrever.

Este livro vai levar-nos numa breve viagem pelas regras do português que todos conhecemos. Centrar-se-á na gramática do português-padrão (não é melhor do que outras variedades do português, mas é aquela que é ensinada na escola e usada na formalidade) – e centrar-se-á também no português escrito, dando algumas pistas sobre como usar melhor o português nesta forma mais difícil de dominar. Não servirá para ensinar a falar ou a escrever em português. Todos os leitores saberão português – e saberão escrevê-lo. Servirá, isso sim, para ajudar a compreender melhor como funciona a língua – e, se tudo correr bem, como *escrever melhor*.